



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14158 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

DISPUTAS DE NARRATIVAS DIGITAIS SOBRE O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E FORMAÇÃO HISTÓRICA: O QUE (NÃO) NOS DIZEM OS ALGORITMOS?

Alexia Padua Franco - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Luciano Mendes de Faria Filho - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapemig

DISPUTAS DE NARRATIVAS DIGITAIS SOBRE O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E FORMAÇÃO HISTÓRICA: O QUE (NÃO) NOS DIZEM OS ALGORITMOS?

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa “O Bicentenário da Independência do Brasil: Narrativas Digitais em Produção e Circulação” desenvolvida entre os anos de 2021 e 2022. Seu problema é compreender o processo de produção, circulação e disputa, na Internet, de múltiplas narrativas de memória sobre os 200 anos de Independência do Brasil. A pesquisa, inspirada na teoria ator-rede, foi delineada pelas seguintes questões: quais grupos sociais estão envolvidos nas produções das diferentes narrativas digitais sobre o Bicentenário? A que públicos estas produções se destinam? Quais temporalidades, sujeitos, fatos e fontes foram selecionados para construir estas narrativas? Quais narrativas são visibilizadas pelos algoritmos das *Bigtechs* e além deles? Pretendeu-se, assim, por meio da temática do Bicentenário da Independência do Brasil, contribuir para a compreensão do processo de produção e circulação de das narrativas históricas digitais em disputa, da história pública, em mídias e redes sociais digitais, bem como suas potencialidades para a formação histórica de cidadãos e cidadãs em sua diversidade, no contexto escolar e fora dele.

Palavras-chave: Bicentenário da Independência do Brasil, Narrativas Digitais, Algoritmos, *Bigtechs*, TAR.

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa “O Bicentenário da Independência do Brasil: Narrativas Digitais em Produção e Circulação” desenvolvida entre os anos de 2021 e 2022. Seu problema é compreender o processo de produção, circulação e disputa, na Internet, de múltiplas narrativas de memória sobre os 200 anos de Independência do Brasil, no contexto de intolerância e conservadorismo que fragilizou conquistas de direitos humanos nas últimas décadas e tornou necessário ações de resistência. A pesquisa, inspirada na teoria ator-rede (LEMOS, 2018; FALCI, 2014; BRUNO, 2013; LATOUR, 2012), foi delineada pelas seguintes questões: quais grupos sociais estão envolvidos nas produções das diferentes narrativas digitais sobre o Bicentenário? Quais temporalidades, sujeitos, fatos e fontes foram selecionados para construir estas narrativas? A que públicos estas produções se destinam? Quais narrativas são visibilizadas pelos algoritmos das *Bigtechs* e quais podem ser evidenciadas pelo uso de metadados criados no processo da pesquisa? Pretendeu-se, assim, por meio da temática do Bicentenário da Independência do Brasil, contribuir para a compreensão do processo de produção e circulação de das narrativas históricas digitais em disputa (COULDRY, 2008; FONTOURA, 2022), da história pública (MAUAD, ALMEIDA, SANTHIAGO, 2016; FRAZÃO, 2016), em mídias e redes sociais digitais (ANDRADE, 2022), bem como suas potencialidades para a formação histórica de cidadãos e cidadãs em sua diversidade, no contexto escolar e fora dele.

A metodologia da pesquisa se inspirou na Teoria Ator-Rede – TAR (LATOUR, 2012) – que explora rastros de ações de entidades humanas e não humanas (atores, mediadores) para compreender o processo de constituição de redes (coletivos em constante processo de formação) e seus sentidos. O conjunto de dados empíricos analisados foi composto por rastros digitais (BRUNO, 2013), fisgados pelos algoritmos das plataformas proprietárias e por metadados criados pela pesquisadora (FALCI, 2014). Rastros de ações coletivas, heterogêneas, contraditórias, conflitantes, produzidas no bojo de diferentes interesses comerciais, culturais, educacionais e/ou políticos, por atividades humanas mediadas pelas TDCIs e/ou pelas inteligências artificiais das máquinas.

Ao invés de utilizarmos softwares de monitoramento de mídias, optamos por realizar um monitoramento artesanal, no *Instagram*, *Facebook*, *Youtube* e buscador *Google*, usando as *hashtags* #bicentenáriodaindependência #bicentenáriodobrasil, #Brasil200anos ou as palavras chave Bicentenário da Independência, Bicentenário do Brasil, Brasil 200 anos. Desta forma, organizamos, entre os anos de 2020 e 2022, um acervo de dados qualitativos e quantitativos de postagens na Internet que focam no Bicentenário da Independência: *links*, *prints* das imagens das postagens; cópia de apresentações dos sites/portais/canais/perfis; número de seguidores, curtidas e comentário; *download* de hipermídias postadas ou lincadas em cada

página. Estas fontes foram legendadas, datadas e arquivadas em pastas para cada palavra-chave, *hashtag* e categorias de produtores - entidades científicas, arquivos e museus, grupos de pesquisa e extensão na área de ensino de História, professores/as da Educação Básica, organizações sindicais e entidades populares, mídias jornalísticas e de entretenimento, forças armadas, prefeituras, órgãos federais do poder legislativo e do poder executivo, grupos Monarquistas, grupos Empresariais.

Entendemos que este conjunto de produções constituiu a história pública digital sobre o Bicentenário da Independência do Brasil, composta por uma pluralidade de narrativas históricas escritas, orais, audiovisuais, museais, musicais, imagéticas, elaboradas "para, com e pelo público" (MAUAD, ALMEIDA, SANTHIAGO, 2016, p. 12), com base tanto em produções historiográficas traduzidas para o grande público, quanto por produções de não historiadores - jornalistas, cineastas, youtubers etc., com formações diversas - em parceria ou não com profissionais da História – professores/as pesquisadores/as da Educação Básica, ou Superior, historiadores/as que atuam em museus, arquivos, entre outros. História pública esta que participa da formação histórica de cada um de nós, no espaço escolar e fora dele e, de alguma forma, permeia nossas ações sociais.

Dos dados coletados e analisados durante a pesquisa, privilegiaremos, neste trabalho, a discussão das narrativas didáticas e paradidáticas que circularam nas redes sociais digitais (ANDRADE, 2022), problematizando o que os algoritmos das *Bigtechs* colocaram em destaque e as produções que estiverem presentes nas redes para além do que os algoritmos mostraram. Para isto, complementamos os dados coletados durante a pesquisa, com dados de buscas realizadas por estudantes de um curso de Pedagogia, no final do ano de 2022, os quais nos possibilitaram melhor compreender a dinâmica dos algoritmos das plataformas proprietárias, já que estas foram as mais utilizadas pelas estudantes durante suas pesquisas na *Web*.

Em relação às produções que buscavam alcançar especificamente docentes e discentes da Educação Básica, encontramos o conjunto de mídias Portal do Bicentenário chancelado pela ANPED e construído por uma equipe interinstitucional, o *podcast* e canal do *Youtube* do grupo Oficina de História composto por pesquisadores de universidades públicas do RJ, o *podcast* No Recreio e o Museu Virtual do Bicentenário elaborado por equipes das universidades públicas de Pernambuco, o mercado editorial, comissões da Câmara de Deputados Federais e Senado. Estes grupos e outros produziram materiais didáticos multimidiáticos sobre o Bicentenário da Independência do Brasil, promoveram cursos de formação docente, concursos de redação e desenho entre os estudantes da Educação Básica, concursos literários.

Por meio destas ações, circularam, com maior ou menor visibilidade, narrativas diversas sobre nossos 200 anos de Brasil Independente. É possível destacar dois polos opostos, entre os quais há muitas nuances. De um lado, em super produções de teledramaturgia, em campanhas do governo federal e também de alguns estados como São

Paulo, temos a reafirmação de uma narrativa oficial da independência baseada no eixo Rio-São Paulo e nas ações da monarquia e de militares, com o intuito de preservar privilégios. Narrativa oficial esta que, conforme Pimenta e outros (2014), povoa ainda hoje as memórias de grande parte da população brasileira que associa a Independência ao Grito do Ipiranga de D. Pedro I e, em última instância, participa da formação de cidadãos e cidadãs dóceis que confiam aos “protetores da pátria e do povo”. De outro lado, temos produções didáticas, paradidáticas que, com base em pesquisas acadêmicas elaboradas desde os anos 1980, problematizam o marco do 7 de setembro, ao discutir processos desenvolvidos em outras regiões do Brasil (PE, BA, PI, CE, região amazônica etc.) e protagonizados por sujeitos históricos silenciados pela história oficial – mulheres, indígenas, negros e negras. Narrativas estas que buscam aprofundar mudanças já percebidas nos livros didáticos de História que, a partir dos anos 2000, na era do PNLD, começaram timidamente a abordar processos de Independência para além do 7 de setembro e das ações política administrativas de representantes da Corte, homens brancos, ricos e cristãos, capitaneados pelo príncipe regente D. Pedro, no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (OLIVEIRA; AQUINO, 2017). Encontramos também aquelas que discutem “independência para quem?”, objetivando valorizar o protagonismo de grupos subalternizados, avanços e retrocessos na conquista de direitos, e mobilizar para mais lutas coletivas por Brasil democráticos, inclusivos, antissexistas, antirracistas. Narrativas que não focam apenas em movimentos ocorridos há 200 anos atrás, mas ao longo dos 200 anos de Brasil Independente para conquistar independências que a emancipação de Portugal não garantiu. Entre estes dois polos, há também grupos empresariais que mencionam os 200 anos de Brasil Independente para incentivar o turismo e/ou promover projetos neoliberais de inovação e empreendedorismo.

Este emaranhado de narrativas didáticas e paradidáticas que circulam e disputam visibilidade na *Internet* possibilita observar e discutir diferentes projetos de nação, de cidadania, de identidade nacional. Narrativas que, no fluir da comunicação digital, ficam circunscritas aos nichos para os quais elas se destinam, mas que, por meio de um olhar mais atento, que retém o fluxo acelerado de informações na Internet e observa a ação de agentes humanos e não humanos (Teoria Ator-Rede), podem ser confrontadas para se compreender mudanças e permanências em nossa cultura de história (PIMENTA e outros, 2014), nos significados construídos para as efemérides estabelecidas pelo calendário oficial.

Os resultados desta pesquisa desencadearam novos problemas que estamos começando a investigar neste ano de 2023. Pesquisas etnográficas com grupos de estudantes e professores/as de diferentes etapas e modalidades da Educação Básica e também com licenciandos/as de Pedagogia e História, para compreender a apropriação destas narrativas digitais no cotidiano escolar, com ou sem a mediação docente. E, em tempo de inquietações relacionadas os impactos da inteligência artificial generativa – *ChatGPT* na educação, estamos também analisando como esta disputa de narrativas digitais sobre o Bicentenário da Independência do Brasil estão sendo processadas nos textos editados pela IA. Enfim, continuamos as reflexões sobre como nossos conhecimentos históricos, na escola e para além

dela, são construídos dinamicamente na interrelação entre agentes humanos e não humanos, nas redes digitais e fora delas, e como isso precisa ser levado em conta nos processos pedagógicos de formação de cidadãos e cidadãs do Brasil que possam contribuir para a conquista de um país democrático, antirracista, antissexista e antiviolença.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora El-Jaick. Redes sociais digitais: um novo horizonte de pesquisas para a História do tempo presente. In: BARROS, José D'Assunção (Org.). *História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. pp. 179-227.

BRUNO, F. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. Revista *FAMECOS*, v. 19, n. 3, p. 681-704, 2 jan. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12893>. Acesso em: 20 nov. 2020

CORRÊA, A. F. Bicentenário da Independência do Brasil: comemoração histórica e memória política em tempos de guerra das imagens identitárias. ANPUH – Associação Nacional de História. 2º Encontro Internacional História & Parcerias. *Anais Eletrônicos*. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, out. 2019. Disponível em: https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1568743693_ARQUIV Acesso em: 13 dez. 2020.

COULDRY, N. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. *New Media & Society*. V.10, n. 3. London: Sage, 2008, p. 373-391. Disponível em: http://eprints.lse.ac.uk/50669/1/Couldry_Mediatization_or_mediation_2008.pdf. Acesso em: 03 ag. 2016.

FALCI, C. H. Relações entre a teoria ator-rede e a construção da memória cultural em ambientes programáveis. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. XXIII Encontro Anual da Compós. *Anais*. Belém: Universidade Federal do Pará, 27 a 30 de maio de 2014. Disponível em: http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT01_COMUNICACAO_E_CIBERCULTURA_redememoriaculturalcompos2014final_2131.pdf. Acesso em 20 nov. 2020.

FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no Youtube. In: BARROS, José D'Assunção (Org.). *História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. pp. 150-178.

FRAZÃO, S. M. História pública no Brasil: espaço de apropriações e disputas. Revista *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 374 - 379. set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308192016374>. Acesso

em: 13 dez. 2020

LATOURE, Bruno. *Reagregando o social*: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

LEMOS, A.; PASTOR, L. Performatividade algorítmica e experiências fotográficas: uma perspectiva não-antropocêntrica sobre as práticas comunicacionais nos ambientes digitais. *Lumina*, v. 12, n. 3, p. 147-166, 30 dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21562>. Acesso em 20 nov. 2020.

MAUAD, A M; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo, Letra e Voz, 2016.

OLIVEIRA, Sandra. R. F. de; AQUINO, Luciana. F. de. A Independência do Brasil nos livros didáticos para crianças: uma análise da produção didática entre as décadas de 1970 e 2000. *História & Ensino*, v. 23, n. 2, p. 155-180, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/29805>. Acesso em: 18 abr. 2021.

PIMENTA, João Paulo e outros. A Independência e uma cultura de história no Brasil. *Almanack*, Guarulhos, n. 8, p. 5-36, dez 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-463320140801>. Acesso em: 04 jan. 2022.

_____. *Independência do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2022.